

EFEITOS DA ORGANIZAÇÃO SOBRE A SAÚDE DO TRABALHADOR: UMA BREVE ANÁLISE PARTINDO DAS ABORDAGENS DE CHRISTOPHE DEJOURS

Francisco Cleiton de Lima Oliveira¹

Thais Helena Ellery de Alencar²

RESUMO

A Psicologia Organizacional ganha importância no contexto hodierno quando põem em pauta os efeitos das organizações sobre a saúde do trabalhador. Sendo assim, este artigo analisa a articulação entre as diferentes formas de organização do trabalho e as vivências de prazer e sofrimento no trabalho, suas causas, conceitos de normalidade. A partir de uma pesquisa bibliográfica utilizando suas obras “A loucura do Trabalho, Psicodinâmica do Trabalho, Uma nova visão do sofrimento humano nas organizações, Banalização da injustiça social, A. Indivíduo, trabalho e sofrimento.” Como fator principal teórico é Christophe Dejours, este que é pioneiro em discutir o sofrimento no trabalho tem trazido novas luzes sobre essa especialidade e contribuído com inúmeras obras para o seu desenvolvimento. No entanto, foi realizado uma atualização do pensamento dele a partir do seguintes autores: Jayet Christian, Abdoucheli Elisabeth, Wanderley Codo, Sampaio. Jose Jackson Coelho.

Palavras-chave: Dejours. Psicopatologia do trabalho. Sofrimento.

1 INTRODUÇÃO

Dejours e seus colaboradores detectaram que a maioria dos trabalhadores não era passiva aos constrangimentos organizacionais, apresentando defesas individuais e coletivas fazendo frente a esse sofrimento. Desta forma, Dejours se viu motivado a deslocar o foco investigativo das doenças mentais geradas pelo trabalho para o sofrimento e a dinâmica das defesas contra esse sofrimento. Seu enigma central passa a ser a normalidade. Ao deslocar o foco da patologia à normalidade, foi levado a propor uma nova nomenclatura para designar

¹ Especialista em Psicologia Organizacional e do Trabalho pela Faculdade Vale do Jaguaribe – FVJ. Graduado em Gestão de Recursos Humanos pela Universidade Vale do Acaraú – UVA. E-mail: fclimaoliveira1971@gmail.com

² Orientadora. Professora Mestra vinculada a Faculdade do Vale do Jaguaribe – FVJ. E-mail: thatylena@yahoo.com.br

essas pesquisas, surgindo assim uma nova disciplina denominada análise psicodinâmica das situações de trabalho ou psicodinâmica do trabalho.

Para Djours, a cultura faz parte do comprometimento da saúde do trabalhador, se o sofrimento no trabalho faz parte da consequência da insistência do ser humano de viver em um ambiente que lhe é adverso. Se analisarmos de forma clara a relação do homem com o trabalho nunca foi fácil, até mesmo a etimologia da palavra “trabalho” denota algo penoso e, até mesmo o indesejado.

Segundo Dejours existiu um tempo em que as patologias associadas ao trabalho eram, em sua grande parte, somáticas. Essa realidade vem mudando especialmente após o ano de 1960, quando o trabalho passou a ganhar componentes, cada vez mais, psicopatológicos, sendo que, a partir dessa época que se inicia o pensamento dejouriano que vem atuando de forma contínua até os dias atuais.

Este artigo procura, a partir da visão de Dejours, identificar as raízes do sofrimento no trabalho e compreender a relação do trabalhador com esse sofrimento, e a circunstância em que o próprio trabalho se revela uma ameaça à saúde do trabalhador. Através dessa linha podemos traçar novos caminhos para identificar de forma preventiva as lacunas existentes nas organizações. Hoje com toda a tecnologia existente e ainda em expansão, não se está nem perto de se entender como funciona o ser humano em sua vida cotidiana nas organizações, é necessário que seja mantido um acompanhamento constante dentro das organizações.

Esse artigo tem como objetivo principal narrar o sofrimento existente dentro das organizações, buscando esclarecimentos nos dias atuais. Sobre a ótica desse especialista em Medicina do trabalho, tentando mostrar de forma sucinta a realidade vivida pelos trabalhadores de diversas categorias. Com um só objetivo, tentar deixar visível como é o trabalhador nesse ambiente hostil, vivenciado dentro e fora das organizações, e tentar entender esse viés com mais clareza.

2 DEJOURS E SUA ATUALIDADE À LUZ DA PSICOLOGIA ORGANIZACIONAL

A origem do pensamento dejouriano encontra-se fundamentado no desenvolvimento da era indústria do século XIX, caracterizado com o crescimento da produção, junto com o eixo rural e uma enorme concentração da população urbana, podemos dizer, que, com um destacado cunho social. A época era com condições bem precárias para o trabalho, eram aceitas crianças de qualquer idade para trabalhar na indústria, com salários abaixo do que era

necessário para a sobrevivência, com elevado números de acidentes. A sociedade convivia com um alto número de doentes, com um crescimento da mortalidade das pessoas com baixa resistência, e uma longevidade, extremamente, curta, se manter saudável e sem doenças era uma verdadeira guerra com um só objetivo a sua própria sobrevivência dentro de uma selva sem arvores: “Se a gente esta doente, é porque é perigoso.” (Dejours, p. 36)

Com as exigências que a vida permitia era o trabalho considerado uma ameaça para o próprio trabalhador. No século XIX com um índice de extremo sofrimento (pode ser denominado como extrema Pobreza dos Operários), podendo ser comparada a uma doença contagiosa, necessitando de tratamento como tal, através dessa necessidade surgiu o movimento com o intuito de higienizar todos, denominado higienista para servir como resposta social ao perigo que se encontrava junto a comunidade operaria.

Daí seguiu com toda a força que tinham os operários ligados às organizações como uma só nota bem tocada, junto com a força política naquele momento conquistam aquilo que Dejours chama, com total certeza, de direito a vida; a, partir de então, os colaboradores com esse entendimento passaram a se preocupar com seus corpos e procurando se desviar de acidentes, tentando se prevenir das doenças profissionais e as intoxicações e assegurar aos trabalhadores cuidados e tratamentos convenientes. Dejours em seu estudo tenta explicar que, a primeira vitima desse sistema não é o aparelho psíquico; e, sim, o corpo cansado, dócil e disciplinado, entregue as dificuldades inerentes às atividades laborativas; pendendo assim, projeta-se um corpo indefeso, sendo explorado um ser fragilizado pela privação do seu protetor natural, que sem nenhuma duvida é o seu aparelho mental. Essa luta é grande e vem se estendendo de 1914 aos dias atuais, que a partir dessa data a luta pela sobrevivência operaria deu lugar a luta pela saúde do corpo e da mente.

Com o passar dos anos foram se desenrolando vários acontecimentos, em 1968, pode-se dizer que para Dejours teve um acontecimento chamado de desenvolvimento desigual das forças produtivas. Nesse período foi marcado por uma grande crise do sistema taylorista, com grandes paralizações nas produções, greves, um numero grande de absenteísmo, funcionários sabotando a produção, para obrigar o auto comando a buscar soluções alternativas, para tais problemas que aumentava a cada dia. *“Tal é o paradoxo do sistema que dilui as diferenças, cria o anonimato e o intercâmbio em quanto individualiza os homens frente ao sofrimento”.* (Dejours, 6. Ed.2015).

Com a reestruturação das tarefas surgem modificações e como resposta vem a necessidade de substituir o sistema atual a Organização Científica do Trabalho; e com a saída da OCT vem à tona uma discursão mais ampla sobre o objetivo do trabalho, sobre essa relação homem-tarefa acentuando a dimensão mental do trabalho industrial. Com o grande desenvolvimento industrial-tecnológico, a carga física do trabalho teve uma diminuição, sendo assim estabelecidas novas condições, descobrindo-se, então, sofrimentos insuspeitos, e assim acentua-se a dimensão mental do trabalho. “A OCT não é limitada a uma desapropriação do saber (45) Gallet-Tessonneau, 1997”. (Ela amordaça a liberdade da organização, de reorganização ou de adaptação do trabalho).

3 O SOFRIMENTO E AS SUAS CAUSAS NO AMBIENTE DE TRABALHO

Para Dejours no início dos anos 80 a Psicopatologia do Trabalho teve a preocupação de fundamentar a clínica do sofrimento, com a relação psíquica ao trabalho. Com essa nova abordagem o trabalho (CODO et al., 1993), na clínica psicológica, pode então ultrapassar seus conceitos filosóficos, econômicos e sociológicos, passando a ser definido como uma psicopatologia, sendo que a etiologia (o agente causal) dessa psicopatologia tem sua origem nas pressões do trabalho; pressões essas que põem em xeque o equilíbrio psíquico e saúde mental, na organização do trabalho (DEJOURS, 1994).

Em sua obra Dejours (1998) afirma que as relações de trabalho, dentro das organizações, frequentemente, privam o trabalhador de sua subjetividade, excluindo o sujeito e fazendo do homem uma vítima do seu trabalho. O homem sofreu em sua vida vários golpes, um dos mais cruéis golpes, que o homem sofreu dentro da organização do trabalho é a frustração de suas expectativas no início sobre o mesmo, à medida que a propaganda do mundo do trabalho promete felicidade, e satisfação pessoal e material, para o trabalhador; porém, quando lá penetra, o que se tem é infelicidade e, na maioria das vezes, a insatisfação pessoal e profissional do trabalhador, desencadeando, então, o sofrimento humano nas grandes ou pequenas organizações.

Essa situação deu-se com maior intensidade após a década de 1960, quando houve uma aceleração desigual das forças produtivas, das ciências, das técnicas e das máquinas. Todos esses fatores, aliados às novas condições de trabalho que podem ser entendidas por meio do ambiente físico (luminosidade, temperatura, barulho); do ambiente químico (poeiras, vapores, gases e fumaças); do ambiente biológico (presença de vírus, bactérias, fungos, parasitas); pelas condições de higiene, de segurança e as características antropométricas do

posto de trabalho nas indústrias; facilitaram o aparecimento de sofrimentos insuspeitos na vida dos operários.

Os sofrimentos insuspeitos não se apresentam de uma maneira unânime, no pensamento de Dejours (1993); eles estão associados a fatores históricos, laborativas e àqueles favoráveis ou não para a vida do trabalhador, relacionados à própria vida humana e ao trabalho. O sofrimento singular: A palavra sofrimento pode ser ligada a todos, a palavra singular ela tem sentido único (uma só pessoa), podendo ser usado em relação a um só indivíduo “único”. Com isso a união das duas palavras pode-se trazer uma questão, o sofrimento de um grupo de pessoas (trabalhadores em uma organização) com uma questão a ser abordada e estudada, todos sofrem mais de forma diferente e única, cada trabalhador no ambiente de trabalho age de forma diferente e única dependendo da cultura de cada ambiente e para cada ocasião tem episódio novo.

Sofrer é uma experiência compartilhada, sofremos com o outro, sofremos pelo outro. Ao contrário da dor, que pode ser mais ou menos constante no tempo e no espaço, variando, contudo, de pessoa para pessoa, o sofrimento depende de como ele é reconhecido ou desconhecido pelo outro. O trabalho possui um papel importante na vida do indivíduo e dessa atividade depende não só o sustento do trabalhador, mas a ela está também associado um significado que diz respeito a função e reconhecimento social. A manutenção do trabalho se constitui em forma de legitimação social enquanto sujeito. Sua atividade laborativa lhe confere reconhecimento e um lugar no mundo do trabalho. Para se manter nesse lugar o trabalhador cria estratégias defensivas. Ele depara-se com um ambiente sentido como hostil e muitas vezes gerador de doença. Mas porque uma maior incidência de depressão nesta sociedade? Segundo alguns críticos isto ocorreu porque o sujeito contemporâneo está sob o domínio dos ideais de iniciativa e de responsabilidade ao mesmo tempo em que faltam alicerces na sociedade para apoiá-lo. A depressão surgiria, assim, como uma patologia da responsabilidade de ser si mesmo, na qual o sentimento que domina é a insuficiência, seria ainda como uma reação à demanda impossível de se cumprir algo.

O fato de o indivíduo elaborar soluções originais que favorecem ou restituem sua saúde. O sofrimento criativo chega a adquirir um sentido, pois favorece ao indivíduo um reconhecimento de uma identidade. É, quando a o reencontro da pessoa (sujeito) com o trabalho. Existem em qualquer formação social normas de projeção, que organizam as relações entre as situações em que se encontra o sujeito empírico e as posições que são

representações dessas situações. Todo o processo discursivo pressupõe, por parte do emissor, uma antecipação das representações do receptor, sobre a qual se funda a estratégia discursiva, assim, a posição dos protagonistas intervém nas condições de produção do discurso. “Dejours denomina de sofrimento criativo o fato de o indivíduo elaborar soluções originais que favorecem ou restituem sua saúde”.

O sofrimento está presente em todas as esferas da vida humana, desde o nascimento até o momento da morte. No trabalho, observamos duas possibilidades de sofrimento: o patológico e o criativo. O patológico em relação ao trabalho, é quando a pessoa (indivíduo) produz soluções desfavoráveis para a sua vida, estando assim relacionada à sua saúde, agente que gera uma enfermidade. O ambiente de trabalho pode induzir a mecanismos de agressão ao ser humano, como a potencialidade carcinogênica, mutagênica, teratogênica, exposição a inúmeros patógenos, ruído excessivo, riscos de queda, situações penosas entre outras. A maciça incorporação de tecnologias de automação, a constante fragmentação do trabalho vem modificando substancialmente o papel do trabalhador junto ao coletivo.

4 O CONCEITO DE NORMALIDADE NA PSICOLOGIA DO TRABALHO

Buscando um entendimento maior sobre o conceito da normalidade, que esta ligada ao trabalho e é considerado um enigma na nova força dentro da psicologia do trabalho, uma quantidade bastante elevada dos trabalhadores não consegue manter o equilíbrio psíquico dentro da normalidade esperada, a exceção passou a ser a regra, com essa determinação a regra hoje é o sofrimento, que não faz parte da normalidade. A partir desse novo paradigma, Dejours (1994) define a normalidade como o equilíbrio psíquico entre constrangimento do trabalho dez estabilizantes ou patogênico e defesas psíquicas.

O equilíbrio seria o resultado de uma regulação que requer estratégias defensivas especiais, que ao mesmo tempo são elaboradas pelos próprios trabalhadores; porém, a normalidade conquistada e conservada pela força é trespassada pelo sofrimento (DEJOURS, 1994). Com base no que Dejours indagou em sua obra, não e não tendo a intenção de fazer uma análise teórica sobre o conceito de “Normalidade”. Mais sim, expor o que entendi sobre o processo de organização da normalidade, que conquista a cada tempo uma definição diferente. Os dispositivos de normalização funcionam como práticas descontínuas que podem tanto se cruzar como eventualmente se ignorar ou se excluir.

Quando comparamos sociedades estruturalmente semelhantes, e alguns fatos sociais se repetem, temos a indicação de que estes são fatos sociais "normais", que fazem parte do próprio funcionamento desse sistema. Se encontrarmos, porém, fatos sociais que só existem em uma sociedade entre várias comparáveis, podem considerá-los como "patológicos". Sua presença seria uma "exceção", mostrando que aquele fato social "patológico" não faz parte do funcionamento do sistema, senão sociedades parecidas apresentariam o mesmo fato social, já que apresentariam também o mesmo sistema.

Um ser vivo é normal num determinado meio, na medida em que ele é a solução morfológica e funcional encontrada pela vida para responder a todas as exigências deste meio. Não existe fato que seja normal ou patológico. Numa sociedade globalizada como a nossa, em que há trocas culturais intensas o tempo todo, de maneira extremamente dinâmica, é difícil pensarmos, as sociedades como sendo "isoladas" umas das outras. É difícil, então, encontrarmos fatos sociais.

5 O TRABALHO FAZ PARTE DE UM TEATRO, DO BEM ESTAR E DO SOFRIMENTO

Dejours (1994) traz uma abordagem bastante ampla sobre o conceito de sofrimento do trabalho, em especial, pode-se destacar sua abordagem sobre a ambivalência “bem-estar” e “loucura”, e sua visão sobre o “teatro do trabalho”. Quando Dejours fala da ambivalência bem-estar e “loucura” quer dizer que o sofrimento no trabalho pode ser entendido “como o espaço de luta que ocorre o campo situado entre, de um lado, o bem-estar, e, de outro, a doença mental ou a loucura” (DEJOURS, 1993, p. 153).

Falando de o bem-estar está relacionado a uma ideia de ambiente gratificante e, assim, pode-se dizer que, quando o mesmo é realizado em tal ambiência, leva os trabalhadores a gostarem do produto realizado. Com a ideia de sofrimento segue relacionada à submissão do trabalho e, quando isso ocorre, gera uma raiva ao produto. É notado que o trabalho está aceito pelo afeto. Essa ideia de afeto implica “amor” ou “ódio” ao trabalho e geram outras situações paralelas: “alegria” ou “tristeza”, “entusiasmo” ou “desânimo”, “anelo” ou “desprezo”. Como a grande maioria das vezes, o trabalho acaba se associando mais à ideia de sofrimento, as pessoas acabam rompendo o conceito afeto/trabalho tornando o primeiro restrito ao lar, à família, expulsando o segundo de sua relação afetiva; e, assim, o trabalho fica diminuído e, conseqüentemente, insuportável (CODO et al., 1993).

Para construir a ideia de Dejours, sobre o teatro do trabalho, é importante destacar, inicialmente, a sua percepção de que o sofrimento é inevitável e ubíquo (DEJOURS, 1994), ou seja, está em toda a parte. Para falar da origem do sofrimento é necessário ter certo embasamento, por sua vez, tem suas raízes na história singular de toda pessoa. O autor diz que o sofrimento repercute naquilo que ele chama de “teatro do trabalho”, ao entrar numa relação com a organização do trabalho. Dejours quer dizer, com isso, que o sofrimento é individualizado e depende da construção social e psíquica de cada pessoa. Isso é, invariavelmente, acaba repercutindo no ambiente de trabalho, em um teatro que podemos chamar de seu “teatro”, com os seus “personagens” (patrão, empregado, supervisor, colega de trabalho), “seu enredo” (a estrutura de poder e hierarquia, preconceitos, valores), “o cenário” (o macro ambiente, o desemprego, a instabilidade, as incertezas); até mesmo, “espectadores” (família, amigos, adversários), que, afinal, “aplaudiram” ou não, numa analogia com a vida real, o fruto de uma vida, aprovando-a ou não. E como a busca pela aprovação é quase que uma unanimidade na vida das pessoas, sua falta pode trazer um terrível incômodo e sofrimento psíquico.

Esse “teatro do trabalho”, na grande maioria das vezes, acaba, por fim, a se converter em um verdadeiro “drama” da vida real, de maior ou menor intensidade de sofrimento, dependendo do conjunto “personagem, enredo, cenário, plateia”, que pode ser mais opressivo ou não. Por exemplo, em uma sociedade, extremamente, machista, a mulher tende a apresentar um nível de sofrimento no trabalho maior do que em sociedades mais liberais, convivendo com iguais cobranças, menores salários, dentre outras perdas, como o assédio sexual, os estigmas da fragilidade e da inferioridade intelectual.

Logo, percebe-se que a normalidade, mesmo com todo o esforço para obtê-la, é muito difícil, senão impossível de se obter, ante um meio tão adverso em que se converte esse “teatro laborativo”. Por exemplo, a corrupção. Se pegarmos dados de diversos países capitalistas ocidentais, que se organizam por meio do Estado democrático de direito, veremos que a corrupção é presente em todos eles, ainda que de diferentes maneiras. Assim, poderíamos considerá-la um fato social normal. Por outro lado, a ausência quase total de corrupção poderia ser tratada como um “fato social patológico”, pois acontece apenas em um ou dois contextos nacionais atuais, se muito.

6 A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO DO COMPORTAMENTO ESTEREOTIPADO DO OPERÁRIO EM MASSA NAS ORGANIZAÇÕES

Segue o estudo falando da psicopatologia do trabalho a onde se acentua o comportamento humano e as adversidades existentes nas organizações. Dando continuidade ao artigo científico com uma visão original voltada para o que realmente acontece com o trabalhador, com o comportamento que não é desprovido de autenticidade no ambiente de trabalho, é necessário mostrar na íntegra como funcionam os sistemas de defesa. As formas de estratégias defensivas, e tentar explicar como são usadas na organização do trabalho para aumentar a produtividade em massa. E a finalidade desse artigo é saber se com essa exploração do sofrimento pode ter repercussões sobre a saúde dos trabalhadores que já é fragilizada, e se ligarmos os pontos podemos observar que, a, exploração da força física citada anteriormente já vem de longa data comprometendo a saúde mental e física do trabalhador contemporâneo.

Por vezes é incomum essa abordagem psicopatológica da organização do trabalho. Para Dejours a exploração mental é a fonte de mais-valia em tarefas desqualificadas, com a reputação de serem estritamente manuais. Para avaliar os efeitos da exploração mental sobre a saúde, necessitamos recorrer a noções de psicologia clássicas e especializadas. Na escrita de uma forma global faremos referência a economia psíquica e somática. Existem raras exceções, todas as situações mencionadas da pesquisa não deixaram de maneira indistinta nenhuma doença mental caracterizada. Dentro de um sistema defensivo existe estratégia para impedir que o sofrimento se agrave e se torne patológico, então o que fazer para descobrir se pode ser evitadas ou evitáveis. Algumas doenças como a neurose, psicose e depressões em situações de trabalho, são compensadas, precisamente, com a utilização dos sistemas defensivos descritos anteriormente. Quando admitimos essa possibilidade de decompressão, podemos nos fazer uma simples pergunta, porque não existe nenhum vestígio dela no ambiente de trabalho na fábrica, oficina, escritório.

Toda essa descompensação pode ser resumida por uma queda no despenho produtivo, podemos dizer que, as doenças citadas anteriormente podem ser detectadas por meio dos critérios de rendimento na produção, esse é os primeiros que aparecem no quadro psicológico, com isso a punição é a exclusão imediata do trabalho. É só acrescentar a esse mecanismo de exclusão, técnicas para seleção de pessoal, com isso garantir que aja uma verdadeira “asepsia mental”. Pode ser visto que, as organizações são sem dúvida a principal culpada pelas descompensação. Podemos dizer assim, que esse fenômeno pode ser observado de duas formas bem detalhadas. A primeira é a que traz o aumento do ritmo de trabalho dentro da indústria elétrica.

Através de um relatório feito sobre esse trabalho no ramo da indústria elétrica, mostra que o aumento do trabalho e as exigências de desempenho produtivo crescente com certeza vão conduzir a descompensação rápidas, e estando desencadeia uma epidemias. Entre pessoas envolvidas estão às mulheres que descompensa em uma crise choro, dos nervos, desmaios, que atingem como se fosse uma doença contagiosa, todo o ambiente de trabalho. É comprovado de formar simples, basta diminuir a pressão organizacional, que vai desapareça toda a manifestação de sofrimento.

Uma segunda pesquisa foi feita na fabrica Renault, foi feito um relatório baseado nus dias de sexta, sábado e domingo nesses dias o clima fica bem especial nos no chão da fabrica. Há parafusos voando, gritos em todos os lados, muito barulho das maquinas, quebram-se ferramentas, a um aumento de peças quebradas durante a produção e refutado ao final. Nesse momento explode uma grande agressividade em direção à chefia, e nesse momento pode se presenciar brigas com troca de socos. Com uma grande desordem estalada no local, muitas vezes a linha de produção tem que parar; qualquer anomalia ou irregularidade, até mesmo a parada de produção provocam irrupções coletivas de agressividade. Por fim o acontecimento a suceder, são veículos com problemas causados na linha de montagem pelos trabalhadores.

Eles costumam dizer entre-se que, os carros que saem no começo da semana, a uma probabilidade de dar menos defeitos, “os que são fabricados no fim de semana, tem uma possibilidade mais elevada de dar defeito”. Então esse exemplo mostra que se a aumento do ritmo de trabalho, podendo chegar ao extremo da tolerância, seus efeitos poderão ser sentidos de imediato, não só nos fins de semana, mais no dia-a-dia entre o começo o fim do dia. Mais ainda assim as chefias se esforçam para manter o ritmo tolerável pela maioria dos trabalhadores. E assim fica definida a norma. Norma de produção e norma mental.

Se todas as regras forem seguidas, e a liminar da coletividade for cumprida, a tolerância não for ultrapassada pode ser que aja esporadicamente um caso isolado de um trabalhador não consiga manter o ritmo e venha a perder o equilíbrio mental. A saída será necessária e individual. As formas encobertas pela rotatividade lhe dão duas opções possíveis, largar o emprego, trocar de posto ou mudar de emprego. A segunda solução é apresentada pelo absenteísmo. Mesmo sabendo que não esta propriamente doente, o operário esgotado e a beira da descompensação psiconeurótica não podem abandonar a fabrica sem maiores explicações. O sofrimento e as doenças mentais não são tolerados em uma fabrica.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É de grande importância salientar, que, Dejours com seu estudo impresso em suas obras hoje: A Loucura do Trabalho, A Banalização da justiça social, Psicodinâmica do Trabalho, Uma nova visão do sofrimento humano nas organizações e outras que não foram citadas nesse artigo, e também foi utilizado uma obra de CODO, W., SAMPAIO, J. & HITOMI, 1993 que retrata o sofrimento do indivíduo, essas obras representam um ponto de partida com uma vasta gama de conhecimentos, obedecendo às pesquisas dentro do estudo da Psicologia do Trabalho. Seu estudo científica enriqueceu essa temática com uma realidade visível, ao ponto em que, dificilmente, qualquer estudo com abordagens sobre o sofrimento no trabalho, com certeza vai ser usado algum conceito desse pesquisador chamado de Christophe Dejours.

Concluiu-se que, esse artigo científico escrito de forma sucinta tenha esclarecido pontos até então desconhecidos, e tenha aberto um leque de curiosidades sobre esses especialistas do trabalho, seus trabalhos são blindados com uma manta de conhecimento, tendo uma importância significativa, à medida que se apresenta, de maneira sintética, para tentar mostrar um pouco do pensamento dejouriano, com ênfase no sofrimento no trabalho; e assim, esse estudo aborda um tema tão presente e próximo da realidade de todos os trabalhadores, e da prática profissional do Psicólogo do trabalho, tanto dos que fazem carreira na área da Psicologia organizacional, e os que convivem no dia-a-dia com o sofrimento, clinicamente em seus consultórios.

EFFECTS OF THE ORGANIZATION OF THE WORKER HEALTH: A BRIEF ANALYSIS OF LEAVING FOR CHRISTOPHE DEJOURS APPROACHES

Organizational Psychology gains importance in today's context when put in question the effects of organization on worker health. Thus, this article examines the relationship between different forms of work organization and experiences of pleasure and suffering at work, their causes, concepts of normality. From a literature search using his works "The madness of Labour, Psychodynamic Labour, a new vision of human suffering in organizations, Banalization social injustice." As a theoretical main factor is Christophe Dejours, this one is a pioneer in discussing the suffering in work has shed new light on this specialty and contributed numerous works for its development. However, it performed an update of his thought from the following authors: Christian Jayet, Elisabeth Abdoucheli, Wanderley Codo, Sa. Jose Jackson Coelho.

Keywords: Dejours . Psychopathology of work. Suffering.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DEJOURS. **A Loucura do Trabalho: Estudo da Psicologia do Trabalho**. 6ª edição. - São Paulo: Cortez, 2015.

DEJOURS. **A Banalização da justiça social**. 7ª edição. – Rio de Janeiro: FVG, 2007.

DEJOURS, C. **Uma nova visão do sofrimento humano nas organizações**. O indivíduo na organização: dimensões esquecidas. São Paulo: Atlas, 1993.

DEJOURS. **Psicodinâmica do Trabalho: contribuição da Escola Dejouriana a Analise da Relação Prazer, Sofrimento e Trabalho**. 1ª edição. – São Paulo: Atlas, 1994.

CODO, W., SAMPAIO, J. & HITOMI, A. **Indivíduo, trabalho e sofrimento**. Petrópolis: Vozes, 2ª edição, 1994.